

10 ANOS

TRAÇA

MOSTRA DE FILMES
DE ARQUIVOS FAMILIARES

2015-2025



10 ANOS - TRAÇA, MOSTRA DE FILMES DE ARQUIVOS FAMILIARES 2015-2025

PODER FILMAR O VENTO [E FAZER VER O INVISÍVEL]

Fátima Tomé

4

DIA 11 DE OUTUBRO

Maria do Mar Fazenda

8

10X10

Alex Cassal

André Guedes

Arianna Mencaroni

Filipe André Alves

Inês Pedrosa e Melo

Inês T. Alves

Margarida Cardoso

Margarida Leitão

noiserv

Sofia Dinger

11

12

17

19

22

27

33

37

43

49

51

DOS OLHOS CEGOS, DAS BOCAS QUE NÃO FALAM: TRAJECTO DE UMA MEMÓRIA IMPOSSÍVEL

Inês Sapeta Dias

55



10 ANOS
TRAÇA - MOSTRA DE FILMES DE
ARQUIVOS FAMILIARES 2015-2025



Fotogramas do filme da família de Manuela Salão, formato original single8, cor, sem som, 1964 da coleção do AML/VIDEOTECA: película com a patologia da síndrome do vinagre

le film de famille ne raconte pas une histoire: il égrène des bribes d'action

Roger Odin, 1995^[1]

PODER FILMAR O VENTO [E FAZER VER O INVISÍVEL]

Filmar o vento evoca essa tentativa de capturar o inefável, assim como a passagem da vida, dos momentos, das pessoas e das coisas. Assim como o vento que não se fixa e está sempre em movimento, e que nos convida a refletir e a fazer ver o invisível.

A Nanda cresceu familiarizada com a imagem estática do seu avô, um rosto emoldurado que habitava as paredes da casa. Conhecia-o através daquele retrato, uma presença constante mas imóvel. Foi no encontro com os filmes da sua família durante uma sessão na Videoteca, ainda que a preto e branco e sem som, que a figura do avô ganhou uma outra dimensão. Observar o seu movimento hesitante, o esboço de um sorriso, o gesticular das mãos, trouxe-o inesperadamente à vida. Naquele instante, a barreira do tempo e da fotografia dissolveu-se, e Nanda sentiu uma ligação real com o avô que só conhecia em pose. Aquele filme mudo gritava a sua existência, preenchendo o vazio da sua memória. Este episódio conduz-nos assim ao cerne da diferença fundamental entre fotografia e vídeo: a poderosa capacidade da imagem em movimento de capturar a própria essência da passagem do tempo e a sua fluidez.

A TRAÇA [Mostra de Filmes de Arquivos Familiares] celebra uma década de vida, marcando um percurso singular na preservação e divulgação da memória da cidade de Lisboa através do olhar íntimo e pessoal dos seus habitantes e visitantes. Ao longo destes dez anos, a TRAÇA tem tecido uma tapeçaria rica e diversificada

de histórias, capturadas em película pelos anónimos cineastas.

A essência deste projeto alimenta-se sobretudo da generosidade dos cidadãos que confiam à Videoteca Municipal de Lisboa os seus preciosos filmes de família. Estas bobines e cassetes, muitas vezes guardadas em caixas empoeiradas, outras descartadas e resgatadas em feiras, oferecem vislumbres únicos sobre o quotidiano, os rituais, as celebrações e as transformações da cidade e do território. Longe da história oficial, estes filmes amadores constroem uma narrativa paralela, feita de afetos pelo olhar de quem filma, de lugares significativos e de momentos que, embora privados, projetam-se na memória coletiva. Estes arquivos íntimos ajudam assim a confirmar o que já suspeitávamos, *que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva* ^[2].

A TRAÇA nasceu de uma inquietação, de uma vontade de ligar pontos e de dar visibilidade a narrativas muitas vezes silenciadas; desta forma a Videoteca não se limitou à recolha e arquivo destes filmes, mas transformou-os em matéria viva, projetada em mostras a acontecer no território de cada uma delas. E já lá

^[1] Tradução livre: O filme de família não narra uma história: ele desenrola fragmentos de ação.

^[2] Maurice Halbwachs, *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

vão quatro edições! Aventura-se assim em territórios desconhecidos, explorando a intersecção entre arte, educação, cultura e intervenção social. Cada edição permite-nos visitar ruas, bairros e rostos que moldaram (e moldam) a identidade da cidade, ao mesmo tempo que projetamos um enorme mapa imaginário no seu traçado real.

A TRAÇA tem estimulado a criação artística a partir deste material fílmico. Ao convidar artistas, investigadores, pensadores, criadores e autores a reinterpretarem estas imagens, a TRAÇA expande os seus significados e alcança novos públicos, demonstrando a fragilidade e a atualidade destas memórias em movimento. É como se a TRAÇA abrisse um portal para o passado, convidando artistas a dialogarem com essas memórias e a darem-lhes novas vidas ao criarem outras narrativas, subvertendo as intenções originais através de diferentes linguagens artísticas, como a vídeo-instalação, a performance e o cinema. Desta forma, a TRAÇA traça pontes, aproximando as diferentes gerações, permitindo que artistas e públicos se liguem a este legado, assim como a releitura lança novas ideias e questões sobre o contexto histórico e social em que os filmes foram produzidos, encorajando a reflexão crítica sobre o passado e a sua influência no presente. A TRAÇA, ao invés de simplesmente preservar o passado, torna-se um agente ativo na sua contínua interpretação. É uma abordagem necessária e urgente para garantir que estas memórias em movimento permaneçam vivas e relevantes para todos; a TRAÇA como catalisadora da criação artística a partir deste material fílmico muito especial e misterioso. Isto é o arquivo.

Celebramos assim o culminar de uma jornada de 10 anos ao lado de artistas, investigadores e pensadores que abraçaram este projeto com paixão. Para marcar este momento especial, estendemos um convite à Margarida Cardoso e à Margarida Leitão, que nos

brindaram com a sua visão na primeira edição da TRAÇA, no bairro do Castelo; ao Alex Cassal e à Sofia Dinger, cujas contribuições enriqueceram a TRAÇA na vibrante Madragoa; ao André Guedes e ao Filipe André Alves, que nos acompanharam na nossa aventura criativa em Chelas e Alvalade; ao Noiserv, que ecoou na última edição da TRAÇA, no acolhedor bairro do Rego; à Inês T. Alves, que desde o início acarinhou a Tracinha com dedicação e criatividade; à Inês Pedrosa e Melo e à Arianna Mencaroni, que com a sua presença constante acompanharam todas as edições de diferentes formas e igual paixão.

Ao longo desta década, a TRAÇA tem-se afirmado como um catalisador de encontros; a participação destes autores nesta publicação é uma extensão natural desta ideia. Cada um deles traz consigo um universo próprio, uma maneira particular de sentir e de interpretar a realidade. As suas contribuições, sejam elas visuais ou textuais, oferecem perspetivas multifacetadas sobre os temas que são caros à TRAÇA: a colaboração, a transformação, a memória, a identidade e o poder da criação a partir deste arquivo fílmico. Esta publicação especial é, assim, um testemunho da riqueza e da diversidade do panorama artístico contemporâneo, mas também um reflexo do espírito da TRAÇA.

A fechar este caderno, e com um olhar que se entrelaça com a própria génese da TRAÇA, convidamo-lo agora a mergulhar nas palavras de uma das suas fundadoras. A Inês Sapeta Dias é muito mais do que uma das mentes por detrás desta teia de ideias e encontros que celebram uma década. Ela é a faísca inicial e a força motriz que construiu este espaço de diálogo, de criação e de transformação. Este é um convite para escutar a voz de quem viu a TRAÇA nascer, de quem dedicou energia e paixão para que a TRAÇA se tornasse um espaço de referência. As palavras da Inês são um elo fundamental

nesta celebração, um fio condutor que nos liga às entranhas da TRAÇA e que nos inspira a continuar.

Celebrar dez anos de TRAÇA é celebrar o valor inestimável dos arquivos familiares e a capacidade do cinema em preservar e reavivar o passado. É reafirmar a importância de um projeto que continua a traçar um mapa afetivo da cidade, feito de fragmentos de vida

que, juntos, contam uma história mais completa e plural de Lisboa. Para desenhar este momento único, contámos com o talento e a visão da curadora Maria do Mar Fazenda, uma colaboradora de longa data que nos acompanhou na 3.ª edição em Marvila e na colaboração do livro *Eu Nem Sabia Que Marvila Existia*^[3]. A sua sensibilidade e conhecimento são, sem dúvida, a chave para uma celebração memorável.

Dez vivas para a TRAÇA!

Fátima Tomé

manifesto

À hora que revejo o texto, sinto que o espírito inicial que o impulsionou se desvaneceu. O ameaçador regresso a um passado bafiento torna-se, a cada dia que passa, uma realidade mais palpável e inquietante.

Neste contexto de incerteza crescente, é absolutamente urgente que estes arquivos continuem a suscitar o debate, a provocar uma reflexão crítica e a funcionar como um garante inabalável de um futuro onde a liberdade de pensamento e a autonomia ideológica sejam não só salvaguardadas, mas ativamente promovidas e defendidas.

Não podemos permitir que a memória coletiva se apague. Estes registos são um testemunho vivo, uma barricada contra o esquecimento e um lembrete constante de que as conquistas da liberdade são frágeis e exigem vigilância contínua. Que cada imagem contida nestes arquivos sirva de alimento para uma cidadania mais informada, mais interventiva e mais consciente dos perigos que espreitam.

^[3] <https://www.sistemasolar.pt/pt/produto/577/pt/eu-nem-sabia-que-marvila-existia/>



10X10



ORGANIZAÇÃO
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
PELOURO DA CULTURA Carlos Moedas | DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA Laurentina Pereira
DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO CULTURAL Jorge Ramos de Carvalho | DIVISÃO DE ARQUIVO MUNICIPAL Helena Neves

DIREÇÃO EXECUTIVA | Fernando Carrilho
CONCEPÇÃO, EDIÇÃO E PRODUÇÃO | Fátima Tomé e Joana Pinheiro
DESIGN GRÁFICO | Joana Pinheiro
APOIO À PRODUÇÃO | Alexandra Martins e Manuela Martins
CONTABILIDADE | Elsa Teixeira
Tiragem 250 exemplares
ISBN 978-972-8517-94-6

A revisão dos textos é da responsabilidade dos seus autores.

Um agradecimento muito especial a todos que nos confiaram os seus arquivos fílmicos familiares,
e a todos que, de alguma forma, abraçaram e contribuíram para a materialização deste projeto.



arquivomunicipal de lisboa

